



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Relações Patriarcais de classe, gênero e raça

PAPÉIS SOCIAIS DE FEMINILIDADE E MASCULINIDADE NOS CASAMENTOS ENTRE PESSOAS DE NACIONALIDADES DIFERENTES

SOCIAL ROLES OF FEMININITY AND MASCULINITY IN MARRIAGES BETWEEN PEOPLE OF DIFFERENT NACIONALITIES

LILIANA ARAGÃO DE ARAÚJO ¹

Resumo

Este artigo é fruto da minha tese de doutoramento em Sociologia, a qual discutiu a construção dos papéis sociais de gênero em casamentos entre mulheres brasileiras e homens imigrantes residentes na cidade de Aracaju. Busco analisar os papéis sociais de feminilidade e masculinidade apresentados no decorrer das entrevistas. Para tanto, faço um percurso histórico sobre esse olhar de feminino e masculino, e por fim articulo com os dados colhidos nas entrevistas semi-estruturadas com nove casais. O resultado das entrevistas demonstra que não há diferenças significativas entre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres em casamentos endogâmicos, quando comparados aos casamentos entre pessoas de nacionalidades diferentes.

1 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal De Sergipe

Palavras-chave: imigração, gênero, papéis sociais

Abstract

This article is the result of my PhD thesis in Sociology, which discussed the construction of social gender roles in marriages between Brazilian women and immigrant men residing in the city of Aracaju/Sergipe. In this text, I seek to analyze the social roles of femininity and masculinity presented in the course of the interviews. For that, I make a historical journey about this feminine and masculine look, and finally articulate with the data collected in the semi-structured interviews with nine couples. The results of the interviews demonstrate that there are no significant differences between the social roles played by men and women in endogamous marriages, when compared to marriages between people of different nationalities.

Keywords: immigration, gender, social roles

INTRODUÇÃO

A discussão sobre papéis sociais masculinos e femininos compõe uma vasta área de pesquisas não só das ciências sociais, mas também das ciências da saúde, pois ao falar sobre o que compete a homens e mulheres, muitas das vezes recai na ideia do biológico (homens são mais objetivos, mulheres são mais sentimentais) como se o sexo biológico determinasse a construção da identidade, e mais ainda, as habilidades profissionais.

Compreendo que o nascer com o sexo biológico masculino ou feminino possibilita visão de mundo diferente para homens e mulheres. Ou seja, as relações que são construídas por homens e mulheres são marcadas também pelo sexo biológico, ao nascer o homem pinta-se um universo azul, quando mulher, abre-se o mundo cor de rosa. Estas características sociais, que extrapolam as cores azul e rosa, irão interferir na construção de suas identidades e percepções dos papéis sociais.

Neste texto analiso os papéis sociais de feminilidade e masculinidade apresentados no decorrer das entrevistas colhidas durante a minha tese de doutoramento. Para levantar estes dados foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada com nove casais das mais diversas nacionalidades (peruano, mexicano, uruguaio, cubano, francês, sírio, equatoriano e espanhol). Importante pontuar que todas as mulheres são brasileiras e os homens imigrantes.

Para tanto, faço um breve percurso histórico sobre esse olhar de feminino e masculino, a fim de compreender como ele foi se construindo ao longo do tempo, passeando de forma breve pela forma como as ciências biológicas visualizava homens e mulheres, e por fim, articulo com os dados colhidos nas entrevistas.

1. SER FEMININO, SER MASCULINO

No contexto das relações sociais ainda visualizamos com frequência características atribuídas a homens e mulheres, como se as características que nos diferenciam estivessem apenas atreladas a biologia, que não passassem por aspectos culturais, sociais e políticos. Contudo é importante pontuar que os papéis sociais de homens e mulheres foram construídos ao longo da história e variam de cultura para cultura.

Rohden (2003) apresenta duas mudanças na concepção do “ser homem” e do “ser mulher”. A primeira aparece no contexto da revolução científica, que entendi as mulheres como “homens invertidos”, que não tiveram seus órgãos sexuais desenvolvidos, para a autora as diferenças de ordem biológica ofereceram base para os pensadores sociais comprovassem as “supostas diferenças inatas entre homens e mulheres e a consequente necessidade de diferenciações sociais” (IDEM, p. 203), mesmo Locke e Hobbes acreditando que não há justificativa para afirmar a supremacia de homens sobre mulheres, para os mesmos autores “só os homens, e não as mulheres fazem o contrato social” (IBDEM). Dito de outra forma:

As mulheres eram descritas na literatura médica como seres estranhos, capazes de perverter a ordem do mundo, em função de toda essa instabilidade. Ao mesmotempo, contudo, elas eram fundamentais para a garantia dessa ordem, em virtude do seu papel como procriadoras (ROHDEN, 2003, p. 206).

A segunda, datada do século XIX, tendo Foucault como principal expoente, diz respeito à construção do ser homem e mulher a partir da cultura “permitia pensar que a cultura poderia transformá-la, refinando-a ou desestabilizando-a” (IDEM, p. 204). Contudo é necessário pensar a construção do ser homem e do ser mulher numa compreensão de que esta construção é mutável, heterogênea e múltipla, rompendo com os determinantes biológicos e, pois elas são diversas e complexas. Dessa forma, é comum observar algumas características que notadamente atribuímos a homens e mulheres na sociedade, a partir,

unicamente do que biologicamente os diferenciam:

a agressividade, virilidade e insensibilidade dos homens; a sentimentalidade, submissão e instabilidade emocional das mulheres; a preferência dos meninos por brincadeiras que simulam guerras, lutas e violência, permeadas por cores vivas e fortes; a preferência das meninas por bonecas e atividades que simulem tarefas domésticas e de “cuidado”, coloridas em tons de rosa (IDEM, p. 18).

Contudo, como bem nos lembra os autores, a biologia – a presença ou não de um cromossomo Y – não determina as características de um indivíduo, seus gostos, personalidade, forma de encarar as relações sociais. Logo, essas construções se dão a partir das relações sociais que são construídas sobre o que masculino e o que é feminino num processo de incorporação e negação entre elas, ou seja, “homens e mulheres são categorias socioculturais, construídas historicamente a partir de práticas, sentidos e significados que, em determinado contexto, nomeiam o que pertence a um universo masculino ou feminino” (IDEM, p. 18).

Portanto, pensar no “ser mulher” e “ser homem” não é estabelecer padrões de fechados de masculinidade e feminilidade, tampouco é homogeneizar estas construções sociais. Contudo as diferenças sexuais, na sociedade ocidental, ainda constroem simbologias do que feminino e masculino, os quais se manifestam na divisão sexual do trabalho, no acesso à educação e na violência sexual (SENKEVICS; POLIDORO, 2012).

No caso específico desta pesquisa, o fato do homem ser imigrante, portanto, ser o diferente culturalmente não faz com que estabeleça com a mulher brasileira uma simetria de poder. Ademais, a divisão sexual do trabalho doméstico ainda é fortemente delineada como papel feminino (TORRES, 2001) principalmente nas relações onde ela divide com o homem as despesas domésticas, pois estas mulheres, além do trabalho na esfera pública são constantemente sobrecarregadas na esfera privada. Portanto, a ideia de que a nacionalidade, o gênero e a língua são fortes marcadores identitário neste tipo de relação e que irão determinar a construção dos papéis sociais de gênero expressados nas relações conjugais.

É importante lembrar que as análises destas formas de casamentos quando é a mulher que está na condição de imigrante costuma ser diferente²¹, já que está sob seus ombros os dois marcadores que a coloca em inferioridade, ela é mulher, ela é imigrante. Não busco aqui argumentar que estes casamentos são desiguais, em comparação com as uniões endogâmicas, mas entender como estas diferenças – de gênero e nacionalidade – se articula e dialoga no cotidiano doméstico.

Assim, pensar a partir desta perspectiva é um mecanismo de superação dos essencialismos que em muitos casos acabamos caindo. É necessário analisar e compreender cada casal a partir de suas similaridades e diferenças, do que os tornam parecidos – mulheres brasileiras e homens estrangeiros – e do que os tornam diferentes – cultura, língua, hábitos. Utilizar a interseccionalidade como mecanismo de análise das relações interculturais não significa dizer que iremos esgotar todos os marcadores identitários destes casais, mas compreender as “*diferenças que fazem diferença* em termos específicos, históricos, localizados e, obviamente, políticos” (HENNING, 2016, p. 11).

2. OS PAPÉIS SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES EM CASAMENTOS ENTRE PESSOAS DE NACIONALIDADES DIFERENTES

Os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres possibilitam o entendimento na prática de algumas questões teóricas aqui discutidas. Em termos gerais, quando uma mulher descobre que esta gestando uma criança, e que esta é uma menina, o seu mundo já se pinta de rosa, já atribuem a esta criança, que ainda está no ventre da sua mãe, características de feminilidade e no caso de ser menino, características de masculinidade. Não à toa, a atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, no dia da sua posse, pronunciou que se inaugurava uma “nova era”, onde “menino veste azul e menina veste rosa”, na oportunidade ela criticava o posicionamento mais progressista de

2 Ler (GIRONA; MASDEU; PUERTA, 2012), (GIRONA ET.AL., 2009), (GIRONA, 2008), (PISCITELLI, 2011), (GOMES, 2013).

alguns movimentos feministas e de direitos humanos (G1, 2019)³.

Esses conceitos de feminilidade e masculinidade, que quando falamos de cores, pode parecer trivial vão com o tempo se cristalizando e interferindo nas relações sociais que são construídas entre homens e mulheres. Essas diferenças vão se sedimentando na divisão das tarefas domésticas, nas escolhas profissionais, na trajetória de vida, nas escolhas pessoais e familiares, na educação, nas formas de vivência das violências. Brites (2004) pontua que a desigualdade entre os sexos, as quais os separam entre produção – mundo masculino – e consumo – mundo feminino – “é fruto de uma desigualdade ontológica entre homens e mulheres, a qual se complexificou na sociedade de classe pela sobreposição da exploração masculina à exploração produtiva (p. 115).

Posso pontuar então, que estas diferenças no “ser homem” e “ser mulher” estão atreladas aos aspectos biológicos de homens e mulheres, e estes aspectos nos diferenciam naturalizando o discurso e reduzindo as características culturais, sociais e políticos envolvidos na construção da masculinidade e da feminilidade (SENKEVICS; POLIDORO, 2012), ou como Scott (1995) nos lembra, são essas diferenças entre sexos que irão construir os sistemas simbólicos entre homens e mulheres.

Existe então uma tendência social a rotular e lidar com fixidez os homens e mulheres. Meghan ao recordar um momento de crise que passou no seu casamento com Harry, afirma que ao entrarem no bar e solicitar um refrigerante e uma cerveja, o garçom serviu a cerveja a ele e o refrigerante a ela. Pude notar que existe no imaginário social a ideia de que mulher não ingere bebida alcoólica, tendo em vista ser “recatada”. Mas, não é apenas a atitude do garçom que chama a atenção, mas também a resposta de Harry, que para informar que a cerveja era para Meghan, diz: “o homem da casa é ela”.

Sabe, uma vez que estávamos em crise [...] entramos no bar e estávamos brigando um com o outro. O garçom chega, ele sem poder beber, pedimos uma coca e uma cerveja, o garçom trouxe e colocou a cerveja para ele e a coca para mim, e Harry disse – o homem da casa é ela, pode botar a cerveja pra ela – Mas

3 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml> acessado em 05 de abril de 2021.

não é assim, domesticamente não é assim não (MEGHAN).

Enfim, pensar nos papéis sociais assumidos por homens e mulheres na sociedade é também relacionar com a forma como as percepções do sexo masculino e feminino são construídas, pois o nosso sexo vem antes mesmo de nascermos. Dito de outra forma:

Ao negar a contribuição do determinismo biológico na construção de uma feminilidade e masculinidade, o primeiro impulso é considerar que o aprendizado em torno de “ser homem” e “ser mulher” ocorre por meio de uma socialização de “papéis sexuais”, ou seja, os homens e as mulheres incorporam papéis pré-determinados na sociedade (SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p. 18).

O imaginário social atribuiu aos meninos as brincadeiras de guerra, com carros, as cores fortes, a virilidade e agressividade; já as meninas as brincadeiras estão atreladas ao cuidado da casa e de filhos – as brincadeiras de boneca – a docilidade, a sensibilidade, a cores em tons de rosa. Ou seja, o nascer do sexo masculino ou feminino irá gerar uma série de características que descrevem a feminilidade e masculinidade.

Elas pairam no imaginário social como se fossem fixas, e vão criando imagem sobre homens e mulher a partir delas um homem sensível é efeminado, uma mulher agressiva é masculinizada. O relato de Meghan vai expor estas questões, segundo ela os impulsionadores da sua independência foram seu pai e seu avô, mesmo sendo machista, o que gerou nela aspectos masculinos como a agressividade, que resultou na sua inserção no mundo acadêmico.

Fui criada achando que meu corpo era um suporte e como sou mulher deveriaser mais inteligente que os outros, quem me deu força pra ser independente, não foram as mulheres da minha vida, foram os homens, meu pai e meu avô, mas, eles fizeram isso sendo machistas, era um corpo para ser homem. Eu adquiri as qualidades de homem, eu adquiri uma agressividade e fui ser intelectual (MEGHAN)

No contexto das relações conjugais, Torres (2001) apresenta que as mulheres das camadas mais baixas da população, quando trabalham fora possuem uma maior satisfação

com o casamento, mesmo ela sendo a maior responsável pelas tarefas domésticas, ao passo que as mulheres com mais instrução possuem uma tendência a não casarem, segundo a autora este dado mostra a “percepção das desvantagens que tem o casamento, nos moldes da divisão tradicional da papéis, para a realização profissional e pessoal das mulheres” (TORRES, 2001, p. 62).

Outro dado apontado pela autora diz respeito ao tempo gasto com as atividades domésticas. Em uma pesquisa realizada com duas mil famílias, nas mais variadas formas de ser família, constatou-se que o homem americano solteiro gasta anualmente 408 horas com tarefas domésticas, já os casados gastam apenas 190 horas, ou seja, 218 horas a menos, que ao final de uma vida fica em torno de 05 anos, em tempo extra. Tempo esse que, segundo a autora, eles utilizam para investir na carreira ou para mais lazer.

Pesquisa recente sobre a produção científica na Pandemia da COVID-19 aponta que houve um impacto nas desigualdades de gênero e raça. A pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul aponta que os homens brancos e sem filhos tiveram sua produtividade acadêmica menos impactada em comparação com as mulheres negras – com ou sem filhos – e as mulheres brancas com filhos (PARENT IN SCIENCE MOVEMENT, 2020).

No contexto das relações entre os espaços público e privado na construção dos papéis sociais de gênero no meu campo de pesquisa, o que pude observar no decorrer das entrevistas é que aquelas relações onde os homens não conseguiram se estabelecer em termos econômicos, que ainda estão na informalidade, possui uma relação mais igualitária em termos de divisão do trabalho doméstico. Enquanto que, aquelas relações onde o homem imigrante possui mais estabilidade financeira, carteira de trabalho assinada, as relações assimétricas na divisão do trabalho doméstico tende a reproduzir práticas onde as responsabilidades sobre as tarefas domésticas recaíram sobre a mulher.

Ao analisar o caso de Yoko, vê-se que ela é microempresária e seu companheiro está desempregado, segundo eles as tarefas domésticas são divididas, porém observem que ela usa o termo “direitinho” para explicar que ele faz as tarefas domésticas direito, como se o fato de ser homem não possibilitasse a realização destas tarefas. Outro termo que ela utiliza é o de ajuda, quando explica que a “ajuda” na arrumação da sua banca de queijo, a qual é a fonte de renda principal da família.

Das tarefas domésticas, ele faz direitinho, eu não gosto de fazer essas coisas. Ele lava a louça do almoço de boa, eu boto a roupa para lavar e ele estende [risos]. Quando coloco a banca de queijo ele me ajuda a colocar as coisas para fora e para dentro. (YOKO).

Aliás, termo ajuda é um termo recorrente ao falarmos das atividades domésticas, segundo o dicionário o termo “ajuda” significa um favor que se presta a alguém, ou seja, não é obrigação. Este mesmo termo é encontrado também na fala de Francisco e Mary

Francisco: Eu ajudo muito em casa, talvez não seja como ela quer, as ajudado, de domingo à domingo, cozinhar de vez em quando eu cozinho.

[...]

Mary: Porque assim, claro, tem atividades que sobrecarrega mais a mulher, agente tem o olho mais clínico, vai pegar um prato na cozinha e viu que tem uma meia no chão, a gente já para pega a meia, ver que o lixo está cheio, a gente pega e amarra o lixo, a gente ver que a água está derramando, a gente já vai lá, a gente tem é um olho clínico que vai...e eles não, se eles vão para a cozinha pegar uma coisa, é aquilo e acabou, eu vou limpar o box, pronto o box, os azulejos não. Então, são coisas que é determinações de mulher que é o olho clínico, e homem também né, mas, no ponto dele poder ajudar [tom arrastado] Ele ajuuuda! Mas não é aquela coisa como a gente estivesse fazendo com o olho clínico.

Observa-se que em momento algum Francisco atribui fazer as atividades domésticas como uma divisão, mas sim, uma “ajuda”. E Mary corrobora com esse pensamento, ao reafirmar o termo “ajuda” e ao responsabilizá-la pelas tarefas domésticas, já que a mulher tem um “olho clínico. Ora, assim como nenhum ser humano nasce sabendo matemática, compreendendo as relações sociais, sabendo línguas, também não nascemos sabendo fazer comida, lavar pratos, passar ferro em roupas, cuidar de crianças, estas são atividades que são apreendidas. O que leva a mulher a ter esse “olhar clínico” (utilizando os termos de Mary) com as tarefas domésticas é que nós somos educadas para sermos as responsáveis por estes trabalhos, afinal não é a biologia a responsável pelo aprendizado de tais tarefas, pois, “não podemos esperar que certo genótipo explique a preferência pela cor azul ou que um conjunto de alelos leve ao interesse por bonecas em vez de dinossauros”

(SENKEVICS; POLIDORO, 2012, p. 18).

O termo “ajuda” também é relatado por Wallis, no caso dela, ela vai creditar a distribuição de tarefas domésticas as habilidades de cada. No caso dele habilidades para consertos domésticos, o dela as tarefas do dia-a-dia, já que homens e mulheres são educados para estas tarefas, como se existissem uma masculinidade e uma feminilidade apropriadas.

De forma que respeite as nossas habilidades. Ele tem a habilidade de trocar lâmpada, a habilidade de consertar. Então essa parte fica com ele. Eu tenho a habilidade de cozinhar, de organizar a bagunça que ele faz. Então essa parte fica comigo. A divisão de tarefas é com base nas nossas habilidades e o tempo também. Às vezes eu não dou conta e ele ajuda. O que não é ao contrário porque eu não sei fazer essas coisas. Quebrou pia, ele conserta, quebrou vaso, ele conserta. E eu no caso das tarefas domésticas, por contadas nossas disposições mesmo (WALLIS).

Outro relato me chama a atenção, o de Carlos Gustavo, que ao relatar as diferenças culturais entre o Brasil e o Peru pontua as questões que envolvem as práticas alimentares. Este relato me fez recordar as relações que eu visualizo ainda na minha família, a minha avó sempre colocou o prato do meu avô, que sentado à mesa esperava pelo alimento, imagem reproduzida até hoje pelos seus filhos, meus tios. Importante notar que alguns deles, não reproduzem com suas esposas, apenas com a minha avó, que ainda hoje, com 92 anos, continua a colocar o alimento no prato dos seus filhos.

Lá no peru, em quase todas as casas, quem serve é a mãe, as mães quem servem a comida, e aqui cada um que se serve (CARLOS GUSTAVO).

Uma das grandes problemáticas no que tange os serviços domésticos, é que eles não são remuneráveis, é um trabalho não remunerado, não gera, pelo menos objetivamente, valor monetário. Por que digo que objetivamente? Porque o tempo em que

as mulheres passam realizando as tarefas domésticas poderia ser revertido em momentos de lazer, de investimento educacional ou em trabalho remunerado, que é o que acontece com a população masculina. É necessário pontuar e quantificar o tempo gasto pelas mulheres para realização destas tarefas para que se possa romper com a ideia romantizada, machista e patriarcal de que as atividades domésticas e o cuidado dos filhos estão ligadas a aspectos de cunho emocional, como se fossem necessidades afetivas da mulher, o que de fato não o são, são atividades que nos sobrecarregam, e que levam, em muitos casos, a tensões nas relações conjugais. Torres (2001, p. 66) argumenta que o trabalho doméstico feminino executado no interior das famílias é um “subsistema articulado ao sistema industrial”.

É importante notar que estou analisando casais bem diversificados, com níveis educacionais díspares, culturas, classes sociais, nacionalidade e raças/etnia diferentes, são formas diversificadas de manter as relações, viver e ver o mundo, e assim como existem variadas formas de ser mulher, existem também, mesmo nesta pequena amostra da sociedade, variadas formas de manifestar a masculinidade. E dessa forma, não posso falar em papel feminino e masculino como algo determinante, fixo, pois existem complexidades no interior do ser homem e do ser mulher que escapam das determinações sexuais.

Pensar nas masculinidades é entender que ela também está no plural, que

é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero [...]. Falar de uma *configuração de prática* significa colocar ênfase naquilo que as pessoas realmente fazem, não naquilo que é esperado ou imaginado (CONNELL, 2017, p. 188 grifo do autor).

Dito de outra forma, apesar de estar socialmente definido o que é previsto como papel masculino e papel feminino, sob a perspectiva de uma visão corpórea e biológica, é importante compreender que estas relações sociais (relações estas que não são apenas de homens com mulheres, mas também homens com homens, mulheres com mulheres) são definidas a partir da política, da economia, da sexualidade, das relações familiares, da

educação, que vão além do que é definido como “papéis de sexo” e da biologia (IDEM).

Dessa forma, compreendo que não existe uma forma fixa de análise dos papéis sociais assumidos por homens e mulheres nos casamentos estudados por esta pesquisa, pois visualizo que as dimensões culturais, educacionais, raciais e econômicas estão em constante articulação. Connell (2017) ao analisar os tipos de masculinidades acredita que a “política transformativa” seria aquela mais progressista que se estabelece nos espaços público e privado, onde homens e mulheres participam igualmente no cuidado das crianças, nas tarefas domésticas, nas tomadas de decisão e no controle financeiro.

Os casos a seguir mostram relações onde estas divisões das tarefas domésticas são mais igualitárias, não toa são casos de famílias com padrão econômico e educacional mais elevado. No caso a seguir Meghan e Harry relatam como ocorre a divisão das tarefas domésticas, o fato deste ser seu segundo casamento possibilitou uma divisão mais igualitária destas tarefas.

Meghan: ele por exemplo, ele decide fazer as compras, ele pergunta - o que é que precisa, o que é que eu faço, o que é que precisa – eu sinto um insegurança, quando é essa coisa da cozinha, da mesma forma que eu me sinto quando é uma coisa classicamente de homem.

Harry: Eu acho que pra nós, não tem tarefa feminina e masculina, a gente divide as tarefas, como ela falou, desde a separação eu fiquei acostumado a ter que trabalhar e criar meus meninos, então, pra eu lavar roupa, fazer compras, fazer comida, faxina, pra mim é natural.

Também Gisele, mesmo casando com um sírio, vindo de uma cultura mais conservadora, segundo eles as tarefas domésticas são divididas, apesar de atualmente, em razão da pandemia da COVID-19, Gisele esta assumindo mais as tarefas visto que Tom passa maior parte do seu tempo no restaurante da família. Todavia no início da relação ele era responsável pelas tarefas.

Hoje praticamente eu que faço tudo, por que mulher, ele só vive aqui. Mas logo quando a gente casou ele que fazia tudo, ele cozinhava, e eu era muito nova, quando me casei eu tinha 18 anos, então assim, eu não fazia nada, tinha duas funcionárias que faziam tudo, eu praticamente não lavava nem uma calcinha, não pegava em uma vassoura, não fazia nada, não fazia comida, não fazia nada, nada, nada, nada, só estudava. (GISELE)

No caso de Carlos de Gustavo e Sílvia as tensões que existem nas divisões das tarefas domésticas ficam a cargo da família de mulher. Ela relata que os dois dividem as tarefas domésticas, mas seus pais sempre questionam quando veem o esposo fazendo alguma tarefa.

Eu digo que tenho muito sorte da gente ter se encontrado, porque eu sou muito ativa politicamente, sou feminista, e Carlos Gustavo apoia tudo isso, ele não acha que mulher tem que fazer isso porque é mulher [...] Quando vamos fazer faxina, eu vou varrer a casa e ele vai passar o pano, então como vou varrendo na frente termino primeiro que ele e aí eu terminei e venho sentar e assistir televisão e aí ele tá passando pano ainda e aí meu pai chega em casa e fala: não tem mulher nessa casa não? [...] Meu pai inclusive dizia que eu não ia casar nunca, porque homem nenhum iria aguentar esse meu jeito, que eu tinha que limpar a casa. E eu não aceito que eu tenha que limpar a casa, eu vou limpar a casa porque eu moro nela, não sou hóspede, preciso da minha casa limpa, mas meu marido também que entender, e ele entende, que ele também não é hóspede e ele também tem que limpar a sujeira que ele produz. E meu pai não entende isso, minha mãe não entende isso (SÍLVIA)

Outro casal que rompe com este estereótipo da mulher como a responsável pelos cuidados dos filhos e da casa é José e Mariana. Na entrevista deles, a qual ocorreu no espaço da residência do casal, pode observar como José assumiu mais efetivamente as tarefas domésticas, foi ele quem ofereceu e pegou água para mim, foi ele quem levou retirou o lixo. E isto foi confirmado pelo discurso dos dois. Como Mariana sempre teve emprego e renda fixa e José trabalhava como autônomo a responsabilidade maior com as atividades domésticas ficava a cargo dele, ao passo que as despesas financeiras com ela.

Como ele gosta de cozinha, de cozinhar e domina, ele é quem fica mais na parte da cozinha, ele assumiu a cozinha. Mesmo quando tinha a oficina dele, ele sempre cozinhou, deixava o almoço pronto, e até hoje prepara qualquer coisa pra janta, só falta botar comida na boca da nossa filha. Porque até hoje quem prepara

o sanduíche, eu falo – deixe ela preparar o pão dela – mas ele não, ele tem que preparar, se é inhame, macaxeira é tudo machucadinho, e bota requeijão cremoso e não sei o que - pelo amor de Deus deixe ela sevirar. Mas ele faz isso, eu fico mais na parte de limpeza, da organização da casa, roupa, na limpeza da casa e ele na cozinha [...] e se precisar ele faz tudo, ele já fez, porque eu adoecia muito. Tinha época que passei por muita coisa, nossa filha muito doente, tive muito casos, fases de depressão, problemas de osso, inchava tudo e o que tinha que fazer, ele fazia se tivesse que lavar, lavava até as minhas calcinhas. Ele já fez, já lavou (MARIANA).

Se por um lado o imaginário social visualiza as mulheres como as responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos, o que muitas vezes, impõe às mulheres a execução destas tarefas, naturalizando-as e apresentando-as como tarefas inerentes ao papel feminino, ele também colocou os homens como os responsáveis pelas despesas domésticas, como protetor que deve ser o responsável pela segurança e conforto da família.

Connell (2017) explica que a construção das masculinidades devem ser pensadas sob a ótica de um projeto, com muitas idas e vindas, avanços e recuos. Além desta construção não ser apenas de cunho coletivo, mas também individual e cultural. A construção das masculinidades, vão se diferenciar no mundo.

O resultado da globalização não é necessariamente que as masculinidades ocidentais são duplicadas na periferia. A re-construção coletiva das masculinidades, tal como a construção da masculinidade no nível pessoal, é um processo dialético e não um processo mecânico. Assim, o "homem de negócio" japonês não é exatamente a mesma coisa que o "executivo" empresarial da América capitalista. O mundo empresarial da industrialização da Ásia Oriental é massivamente patriarcal, até mesmo mais que a sua contraparte na Europa e nos Estados Unidos. Mas ele não é marcado pelo individualismo competitivo que é tão importante entre a elite capitalista européia e norte-americana (CONNELL, 2017, p. 193).

Apesar da heterogeneidade do meu campo de análise, em nenhum dos casamentos estudados a mulher era depende financeiramente do marido. Posso visualizar que mesmo dividindo as pessoas domésticas, as mulheres ainda não conseguiram dividir as tarefas, a realização de tarefas domésticas por homens ainda é visualizada na

perspectiva da ajuda. Obviamente que existem sempre as exceções a regra, como é o caso de José. Mas também é importante notar que no caso deste casal as despesas são responsabilidade exclusiva de Mariana, como se pode notar no relato a seguir:

Ele sempre como autônomo né, é aquela história hoje tem amanhã não tem, eu é que assumi sempre os compromissos da casa, por que tenho o salário fixo. Mas ele tendo nunca deixou de colocar em casa, a vida toda, sempre colocava dentro de casa, a gente saia pra comer, ele pagava, sempre foi assim, mas quando não tem sou eu que assumo (MARIANA).

Além de Mariana, outro casal que informa que as despesas financeiras são de competência da mulher é John e Yoko.

Hoje a divisão financeira quem arca tudo sou eu, tudo, hoje sou eu. Mas, quando ele trabalhava, ele pagava escola, plano de saúde, pagava o que ele podia pagar. Quando eu comecei a montar minha empresa, e acabei ganhando mais e pagando mais, quando ele trabalhava pagava a escola das crianças pagava meio a meio, as festas na escola, ele pagava. Sempre, nunca foi algo tencionando ou algo problemático, de jeito nenhum (YOKO).

Ao relatar um episódio em que teve que realizar uma viagem, Yoko lembra que John ficou todo confuso na administração da empresa, que acreditava que o fornecedor estava o enganando, visto o alto do valor do boleto que tinha que pagar.

Eu tive que viajar uma vez e ele teve que ficar aqui assumindo a empresa, quando ele foi rever os valores dos boletos, ele [Yoko imita John] – *Ah Dios Santo* – Tem alguma coisa errada aqui. E eu respondi que são coisas que pago semanalmente, não é por que o fornecedor me roubou, me enrolou, é que ele não está na realidade financeira, está a parte, porque atualmente ele só está estudando. Então, quando ele vê que eu tenho que me virar todo dia, fazer dinheiro, todo dia, para poder pagar aquele boleto e pagar as outras coisas, que aí você ver o fardo que é (YOKO).

Wallis também relata ser ela a responsável pelas despesas domésticas:

A divisão? Fica mais atualmente comigo, pela minha parte, porque agora a gente está construindo. Então agora ele está pra lá, fazendo construção, entendeu? (WALLIS)

Nas falas destas mulheres que chefiam as despesas financeiras da casa pode-se perceber que ambas relatam que seus cônjuges, quando podem, colaboram com as responsabilidades econômicas da casa e que isso nunca foi um motivo de tensão entre os casais. Notem que mesmo esta atividade sendo, no imaginário social, um papel masculino, não existe um tensionamento na relação e nem é colocado como se as mulheres ajudassem os homens. Ademais, no caso de Yoko, John não possui familiaridade com a administração da empresa familiar. Porém, quando se analisa os papéis sociais das mulheres, no que tange as tarefas domésticas, o que se percebeu é que os homens que assumem responsabilidades na casa são colocados na perspectiva da “ajuda”, sendo em todos os casos responsabilidades divididas.

Estes três casais foram os únicos a afirmarem que as despesas financeiras são assumidas pela mulher, os demais relataram dividi-las, ou no caso dos casais que vivem em trânsito, entre o Brasil e a Europa, como é o caso de Pedro e Leopoldina, Harry e Meghan, o relatado foi que quando estivessem no Brasil as despesas ficariam a cargo da mulher, quando estivessem na Europa seria do homem, conforme afirmam Leopoldina e Harry:

Nós combinamos que quando ele vem para cá eu pago, e quando eu vou para lá ele paga. Com isso a gente resolveu o problema de trocar euro e real (LEOPOLDINA).

Quando a gente tá lá as despesas com o dinheiro no banco lá, e quando

a gente tá aqui as despesas são pagas com o dinheiro que está aqui (HARRY).

Ao analisar estes casais, observo que eles se assemelham a perspectiva do que eu poderia nominar de *casais interculturais transnacionais*, visto que eles não se estabeleceram em um único país, mas em dois, o que gera vínculos políticos, econômicos e sociais com seus locais de origem (RAPOSO; TOGNI, 2009). O homem quando está no Brasil estabelece vínculo aqui, da mesma forma a mulher quando está na Europa estabelece lá.

Harry: Vamos ao ponto crucial de um casamento de duas pessoas de nacionalidades e continentes diferentes, por que, é diferente quando você, entre Brasil e França é 24h de viagem é muito distante. Quando a gente tá aqui, longe deles, não dá pra passar um final de semana para ver amigo, desde que a gente se conhece há a mais de 20 anos, a nossa vida é dividida, por que eu tenho muito (na França)...

Meghan: Primeiro tem três filhos.

Harry: Eu tenho uma parte da vida lá, tem meus filhos, amigos, tem uma parte da vida que está lá, e outra aqui, aqui também tenho amigos, tem a família de Meghan, tem Meghan, então eu fico dividido, por que a gente tem casa aqui e lá. Então isso tem um lado bom, por um certo lado é bom e outro complicado. Quando a gente está aqui sinto saudade do pessoal de lá e lá também, é assim mesmo.

Meghan: Na verdade a gente vive entre dois, a gente não é esse imigrante doseu objeto, é diferente do seu problema, ai vai lhe dar mais um problema. Porque a gente é entre dois, desde que a gente se conheceu a gente é entre dois.

Harry: Tem um lado bom, eu me sinto em casa aqui e me sinto em casa em Marselha, não sei se é a mesma coisa para Meghan, mas eu me sinto em casa aqui...

Meghan: Eu me sinto em casa aqui e em Marselha, agora, é essa a diferença Marselha, não é a França.

Raposo e Togni (2009) apontam para as características que tornam uma comunidade transnacional, mas também lembra que elas estão mais expostas a expectativas sociais, valores e padrões culturais de mais de um sistema social, econômico e político. Acredito que esta forma de casamento tem muito a ser explorado no tocante as questões culturais, de interação social e familiar, mas não foi objeto da pesquisa.

Voltando as questões ligadas às relações de poder quero finalizar, afirmando que a proposta de autonomia na escolha dos cônjuges possibilitada pela liberdade feminina não quebrou com as práticas seculares da dominação masculina e do patriarcado, a família não é apenas um lugar de afeto. Na minha amostra nota-se uma relação mais simétrica entre homens e mulheres, mas não é esse o panorama que encontramos quando a mulher esta na condição de imigrante². Nos relacionamentos interculturais quando a mulher é a imigrante “a relação de poder é desigual e localizada por uma soma de categorias como gênero, nacionalidade e mobilidade” (RAPOSO; TOGNI, 2009, p. 41). Como já dissertei neste tópico, apesar de se mostrar uma relação mais simétrica, estes casamentos também possuem relações de poder, que podem gerar disputas e tensões, conforme discutiremos a seguir.

CONCLUSÃO

Portanto pode-se notar que a construção dos papéis sociais de gênero, no tocante as culturas ocidentais, de modo particular, ainda possuem forte marcadores da ideia dos papéis masculinos ligados ao espaço público e feminino atrelado ao espaço privado. Obviamente que não se deve homogeneizar as relações, e determinar que todas as relações entre homens e mulheres possuem estes parâmetros.

É importante lembrar também que o fato destes homens serem imigrantes não faz com que eles não estejam inseridos no sistema patriarcal, haja visto que o patriarcado não é um sistema específico do Brasil ou dos países periféricos, mas sim de todo o mundo

ocidental. E para compreender como este sistema se operacionaliza no tocante aos papéis sociais de gênero é importante visualizar não só a categoria “gênero”, mas também classe, raça/etnia.

Portanto, os casais aqui estudados compõem um universo heterogêneo, mas todossão de classe média, com mulheres inseridas no mercado de trabalho, o que possibilita a elas maior autonomia, fato inclusive corroborado nesta pesquisa. O que consegui observar é que as mulheres chefes de família conseguiam ter essa divisão dos papéis sociais mais igualitárias. No entanto, o termo “ajuda” ainda se mantém presente no discurso sobre tarefas domésticas, ao passo que, as despesas domésticas, atribuição historicamente masculina, é sempre empregado termo “divisão”.

Tido de outra forma, na análise dos papéis sociais que estão ligadas a rotina do dia a dia, às tarefas domésticas, ao discurso rotineiro, é que se pode perceber como os papéis de feminilidade e de masculinidade estão arraigados na sociedade. Mesmo as mulheres dividindo as despesas domésticas é sobre elas que recai a maior responsabilidade das tarefas do lar, ao homem cabe o espaço da “ajuda”. Apenas nos casos em que a mulher é a responsável pelas despesas domésticas é que este papel é alterado, ou seja, não é apenas ser mulher, é ser mulher, sem autonomia financeira⁴. E neste caso, os papéis atribuídos ao espaço público como masculino são flexibilizados entre homens e mulheres, no entanto, os espaços privados como feminino ainda é mantido, através do cuidado dos filhos e da casa como responsabilidade feminina e “ajuda” masculina. Ao passo que a divisão das despesas domésticas é colocada como responsabilidade de ambos, e não apenas como uma “ajuda” feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITES, J. Serviço Doméstico: um outro olhar sobre a subordinação. In: **Gênero, Cultura e Poder**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 111–131.

4 Em nenhum dos casos a mulher era negra, então não houve possibilidade de analisar esse marcador identitário na perspectiva feminina.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Políticas da masculinidade**, v. 20, n. 2, p. 185–206, 2017.

G1. Em vídeo, Damares diz que “nova era” começou: “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”.

GIRONA, J. R. Migrantes por amor: La búsqueda y formación de parejas transnacionales. **Revista de Antropologia Iberoamericana**, v. 2, n. 3, p. 430–458, 2008.

GIRONA, J. R. et al. Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España. Tarragona: Instituto de La Mujer, 2009.

GIRONA, J. R. I; MASDEU, M. S.; PUERTA, Y. B. Migraciones por amor: diversidad y complejidad de las migraciones de mujeres. **Papers Revista de Sociologia**, v. 97, n. 3, p. 685–707, 2012.

GOMES, M. S. O Imaginário Social “Mulher Brasileira” em Portugal: Uma Análise da Construção de Saberes, das Relações de Poder e dos Modos de Subjetivação. **Revista de Ciências Sociais**, v. 56, n. 4, p. 867–900, 2013.

HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 97, 12 fev. 2016.

PARENT IN SCIENCE MOVEMENT. Produtividade acadêmica durante a pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade. <https://www.ufrgs.br/ciencia/wp-content/uploads/2020/07/LevantamentoParentinSciencePandemia.pdf>, v. Acesso, p. 13, 2020.

PISCITELLI, A. “Papéis”, interesse e afeto, relacionamentos amoroso/sexuais e migrações. In: **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

RAPOSO, P.; TOGNI, P. C. **Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre brasileiras e portugueses: Gênero e imigração**. Lisboa: ACIDI, 2009.

ROHDEN, F. A construção da diferença sexual na medicina. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n. Sup 2, p. S201–S212, 2003.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica. **Educação & Realidade**, p. 1–35, 1995.

SENKEVICS, A. S.; POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**, v. 9, n. 1, p. 16–21, 2012.

TORRES, A. **Sociologia do Casamento: A família e a questão feminina**. 1ª ed. ed. Oeiras: Celta Editora, 2001.